



PESQUISA-AÇÃO

AULA 2



Profª Gisele Maria Amim Caldas Lorenzi

CONVERSA INICIAL

Anteriormente, foi apresentado um breve histórico da pesquisa-ação e os princípios que a fundamentam.

Nesta aula daremos continuidade à apresentação dos conceitos e característica da pesquisa-ação por diferentes autores e, também, apresentaremos as características e os requisitos necessários à formação da equipe de pesquisadores que visa trabalhar com essa metodologia de pesquisa.


Você, educador social, terá oportunidade, no decorrer da aula, de identificar as habilidades e competências necessárias para atuar com base na pesquisa-ação.

TEMA 1 – OUTROS CONCEITOS E CARACERÍSTICAS DA PESQUISA-AÇÃO

Ao longo desta aula você terá a oportunidade de conhecer outros autores e suas respectivas visões sobre a pesquisa-ação. Assim, inicia-se apresentando o conceito proposto por Barbier (2002): “pesquisa-ação é uma atividade de compreensão e de explicação da práxis dos grupos sociais por eles mesmos, com ou sem especialistas em ciências humanas e sociais práticas, com o fito de melhorar sua práxis”.

Uma característica da pesquisa-ação evidenciada por Barbier (2002, p. 56) é que os pesquisadores utilizam tanto os instrumentos tradicionais de pesquisa em Ciências Sociais quanto outros instrumentos e recursos mais inovadores. Para ilustrar, cita-se como exemplo de instrumentos tradicionais de pesquisa nas Ciências Sociais a observação e as entrevistas e como recursos mais inovadores os seminários e as rodas de conversas para obtenção de informações, dados ou troca de experiências entre as partes.

Picheth, Cassandre e Thiollent (2016, p. 3) complementam dizendo que as práticas de pesquisa-ação são consideradas meios de construção e reconstrução dos métodos e técnicas de pesquisa. Outra característica salientada por Picheth, Cassandre e Thiollent (2016, p. 13) é que “na metodologia da pesquisa-ação, ao contrário, os sujeitos do problema se empoderam de sua resolução e contribuem para a implementação de ações solucionadoras para a geração de conhecimentos que levem à nova significação das práticas”.



Thiollent (2011) destaca como característica da pesquisa-ação possibilitar tanto aos participantes quanto aos pesquisadores os meios necessários para solucionar os problemas que vivenciam com mais eficiência e com base numa ação transformadora. Em paralelo, evidenciam-se dois objetivos em relação à pesquisa-ação: equacionar o problema de pesquisa e obtenção de informações/conhecimento (Thiollent, 2008, p. 20).

Outra característica referenciada por muitos pesquisadores é quanto à dinâmica estabelecida no uso dessa metodologia. Ou seja, que ela deve ser vista como uma espiral em movimento ascendente, na qual o ponto de partida é um problema real que necessita de uma solução prática. Na sequência, trabalha-se na formulação de estratégias para solucionar o problema definido; após, planejam-se as ações a serem executadas; na etapa seguinte, implementam-se as ações e, posteriormente, monitora-se e avalia-se a eficácia delas.

TEMA 2 – PESQUISA-AÇÃO NO BRASIL

Finaliza-se essa etapa de caracterização da pesquisa-ação, no Brasil, apresentando a síntese elaborada por Franco (2005, p. 485-486):

1. **Pesquisa-ação colaborativa:** quando a busca pela transformação é solicitada pelo grupo de referência à equipe de pesquisadores. Nesse caso, a função do pesquisador será a de fazer parte e cientificizar um processo de mudança anteriormente desencadeado pelos sujeitos do grupo.
2. **Pesquisa-ação crítica:** a transformação é percebida como necessária a partir dos trabalhos iniciais do pesquisador com o grupo, decorrente de um processo que valoriza a construção cognitiva da experiência, sustentada por reflexão crítica coletiva, com vistas à emancipação dos sujeitos e das condições que o coletivo considera opressivas. A pesquisa assume um caráter de criticidade; considera a voz do sujeito, sua perspectiva, seu sentido, mas não apenas para registro e posterior interpretação do pesquisador, a voz do sujeito fará parte da tessitura da metodologia de investigação.
3. **Pesquisa-ação estratégica:** a transformação é previamente planejada, sem a participação dos sujeitos, e apenas o pesquisador acompanhará os



efeitos e avaliará os resultados de sua aplicação. Ou seja, a pesquisa deixa de ser crítica.

Ainda citando Franco (2005, p. 493), registra-se como característica da pesquisa-ação a necessidade de desenvolvê-la sem pressa, considerar a imprevisibilidade no sentido de estar aberto para reconstruções em processo, para retomadas de princípio, para recolocação de prioridades, sempre no coletivo, por meio de acordos consensuais, amplamente negociados.

TEMA 3 – O PESQUISADOR NA PESQUISA-AÇÃO

Ao buscar na literatura informações sobre o papel do pesquisador na pesquisa-ação, pode-se fazer uma conexão com a frase citada por Galileu Galilei “Você não pode ensinar nada a ninguém, mas pode ajudar as pessoas a descobrirem por si mesmas”.

Nesse contexto, pode-se sintetizar o pensamento de Barbier (2007), segundo o qual, na pesquisa-ação, o pesquisador não desenvolve um trabalho sobre os outros, mas sim em conjunto com os outros. O pesquisador é parte integrante da pesquisa. É um processo de participação recíproca pesquisador-participante, no qual tanto o pesquisador quanto o participante têm a preocupação de ser compreendido e de agir de forma eficaz.

Thiollent (2009, p. 17-18) salienta que, nesse tipo de pesquisa, os pesquisadores têm um papel ativo no planejamento, equacionamento dos problemas, na avaliação das ações realizadas.


O pesquisador que se propõe a utilizar a pesquisa-ação deve ter a preocupação de ser compreendido pelos sujeitos que compõem o objeto investigado (Tanajura; Bezerra, 2015, p. 19).

TEMA 4 – AÇÃO NA PESQUISA-AÇÃO

Para definir o papel social dos participantes na pesquisa-ação, é importante, previamente, explicitar a qual ação se faz referência quando se trata da pesquisa-ação.

Nesse contexto, optou-se por explicitar a síntese formulada por Franco (2005, p. 493-494), segundo o qual a ação referendada à pesquisa-ação deve:

- Proceder de um agir comunicativo, coletivo, interativo, dialógico, vitalista que conduza a entendimento, negociação, acordos, saber compartilhado;

- 
-
- Permitir aprofundar a interfecundação de papéis: de participante a pesquisador e de pesquisador a participante, cumprindo, assim, seu papel formativo;
 - Propiciar a convivência e a superação das relações assimétricas de poder e de papéis;
 - Ser readequada e renovada por meio das espirais cíclicas;
 - Integrar processos de reflexão/pesquisa e formação;
 - Se autoproduzir na sensibilidade de diferentes tempos e espaços, emergentes das necessidades vitais do processo.

TEMA 5 – PAPÉIS SOCIAIS DO PESQUISADOR

Na sequência, ainda tendo como referência Franco (2005, p. 494) apresenta-se as ações prioritárias do pesquisador (papéis sociais):

- O pesquisador deve ultrapassar o saber puramente fenomenológico, essencialmente subjetivo, e caminhar para construir um saber da prática, que se situa entre o polo subjetivo e o polo objetivo;
- Estabelecer uma comunicação de igual a igual com os atores, reconhecendo-lhes a capacidade de dar sentido aos acontecimentos, de organizar e de planificar;
- Deve ser um facilitador: só intervir quando houver necessidade;
- Ser capaz de descobrir que suas ações têm significado diferentes para cada ator social. No entanto, deve procurar conhecer e se ajustar a esses significados;
- Conhecer e trabalhar com os vieses de comunicação e de sentido: para tanto devem permitir integrações decorrentes dos mecanismos da abordagem dialética que fundamenta os trabalhos de pesquisa-ação;
- Aceitar que as coisas podem mudar, que elas podem ser reconstruídas;
- Ter a capacidade de viver na incerteza e saber reconhecer a característica única de cada situação;
- Ser capaz de se colocar disponível aos atores de modo a permitir-lhes observar e compreender a lógica das ações;
- Manter o rigor científico do trabalho e zelar por uma interpretação justa dos fatos e das práticas;

- Estar sempre a serviço de um objetivo e não de um cliente, de modo a tornar-se militante de uma causa e não serviçal de um projeto imposto (Pirson, 1981);
- Participar de cada etapa da evolução do projeto, juntamente com os sujeitos participantes.

NA PRÁTICA

De modo geral, pode-se inferir que o educador social, naturalmente, já tem uma visão crítica do meio social, o que o leva a agir em prol de mudanças sociais significativas. Entretanto, é notório que, por outro lado, a busca por uma formação profissional requer o desenvolvimento de competências pertinentes a sua atuação profissional.

Um dos desafios que você, provavelmente, enfrentará como educador(a) social é trabalhar com grupo de adolescentes/jovens em situações de vulnerabilidade social, desmotivados, em alguns casos como refugiados que sobreviveram a situações de tensão racial, entre outras situações.

Assista ao filme *Freedom Writers*, lançado em 2007 (no Brasil traduzido como *Escritores da Liberdade*). Depois, faça uma correlação entre as competências pessoais e profissionais da professora Gruwell interpretada por Hilary Swank de que você necessitaria para atuar em uma situação similar. Identifique pelo menos três competências.

FINALIZANDO

O consenso entre os diferentes autores citados é que qualquer que seja o profissional que opte por trabalhar com a pesquisa-ação, em diferentes áreas, necessita ser participativo e agir com autonomia.

Outro aspecto relevante é que o pesquisador não pode julgar-se ou agir como o principal ator no processo. Ele(a) integra um grupo interessado num determinado objetivo comum.

REFERÊNCIAS

BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Tradução de Lucie Didio. Liber Livros: Brasília, 2002.

_____. **A pesquisa-ação**. Brasília: Liber Livros, 2007.

FRANCO, M. A. Pedagogia da pesquisa-ação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a11v31n3.pdf>>. Acesso em: 6 ago. 2019.

PICHETH, S. F.; CASSANDRE, M. P.; THIOLENT, M. J. M. Analisando a pesquisa-ação à luz dos princípios intervencionistas: um olhar comparativo. **Educação**, Porto Alegre, v. 39, p. 3-13, 2016.

TANAJURA, L. L. C.; BEZERRA, A. A. C. Pesquisa-ação sob a ótica de René Barbier e Michel Thiollent: aproximações e especificidades metodológicas. **Revista Eletrônica Pesquiseduca**, Santos, v. 7, p. 10-23, 2015. Disponível em: <<http://periodicos.unisantos.br/index.php/pesquiseduca/article/view/408/pdf>>. Acesso em: 6 ago. 2019.

THIOLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. **Metodologia da pesquisa-ação**. 17. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

_____. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18 ed. São Paulo: Cortez, 2011.